

INFORME RURAL ETENE

ANO 2, Nº 03 – MAR/2008

CENÁRIOS E PERSPECTIVAS 2008 – SETOR AGROPECUÁRIO

Aírton Saboya Valente Júnior (organizador)
Mestre em Economia Rural e Pesquisador do ETENE
Fone: (85)3299-3281
Fax: (85)3299-3474
asvjunior@bnb.gov.br

Equipe Técnica COERG:
Antonio Nogueira Filho
Arthur Yamamoto
Carlos Alberto Figueiredo Júnior
Francisco Raimundo Evangelista
Jackson Dantas Coelho
Marcos Falcão Gonçalves
Maria de Fátima Vidal
Maria Simone de Castro Pereira Brainer
Wendell Márcio Araújo Carneiro

1 – INTRODUÇÃO

Cálculos preliminares do IBGE indicam que o PIB do setor agropecuário brasileiro cresceu 5,3% em 2007. Permanecem otimistas as perspectivas para o setor em 2008, devendo-se registrar um crescimento de 4,9%, conforme projeções da Federação Brasileira dos Bancos (FEBRABAN).

As perspectivas favoráveis do segmento agropecuário estão relacionadas com fatores externos e ao mesmo tempo internos. No plano internacional, observa-se crescente consumo mundial de grãos, especialmente na Ásia e África. Além disso, tem aumentado a demanda por etanol, especialmente nos países desenvolvidos. A mudança na matriz energética e o surgimento dos biocombustíveis está ocasionando inclusive alterações na oferta dos produtos agropecuários, sobretudo no caso dos grãos. Assim, novas oportunidades nos mercados internacionais têm surgido para países como o Brasil.

O Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) deverá inclusive lançar uma estratégia de promoção das exportações brasileiras agropecuárias para mercados “não tradicionais”, a exemplo da Europa Oriental, África, Ásia e Oriente Médio. Registre-se, contudo, que os mercados internacionais estão extremamente exigentes no que se refere a obtenção de certificações sanitárias e fitossanitárias, especialmente no que se refere a carnes, produtos lácteos, frutas e hortaliças.

A forte demanda internacional por commodities agropecuários repercute na elevação dos preços desses produtos, afetando portanto a cotação de alimentos, além de matérias-primas e rações para animais. Por outro lado, tendo em vista a elevação da cotação do petróleo, os preços dos fertilizantes à base desse combustível deverão sofrer acréscimo.

No plano nacional, vale registrar que a implementação dos programas sociais, tais como o Bolsa Família, a elevação do salário mínimo, e o incremento na oferta de crédito contribuíram para que nos últimos cinco anos cerca de 20 milhões de brasileiros deixassem as camadas sociais mais baixas (as classes D e E) e alcançassem a classe C, ou seja,

(*)Coordenador da COERG: Aírton Saboya Valente Júnior

um segmento que demanda bens de consumo, inclusive alimentos. Assim, o crescimento da classe média brasileira deverá contribuir para impulsionar, nos próximos anos, o setor agropecuário do Brasil (IPSOS, 2008).

Cabe registrar ainda que os investimentos em infra-estrutura, no âmbito do Programa de Aceleração Econômica (PAC), deverão proporcionar melhorias gradativas na infra-estrutura do País, de forma que os produtores agropecuários deverão obter redução de custos nos processos produtivos, bem como em termos de transporte e escoamento das safras.

Nesse sentido, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) estima um crescimento de 5,8% na renda agrícola dos agricultores do País. A expectativa é que a demanda e os preços desses produtos mantenham-se elevados em 2008, o que estimulará novos investimentos. O clima e a taxa de câmbio, contudo, continuam sendo pontos de interrogação.

As perspectivas são favoráveis para o setor agropecuário do Nordeste brasileiro em 2008, levando em consideração que os programas sociais possuem destacada importância no que se refere à geração de renda, adicionado ao programa do Biodiesel, que prevê a inclusão de agricultores familiares, surgimento de programas de merenda escolar que prevêem a utilização de produtos locais, além do incremento na oferta de crédito.

Registre-se que o BNB planeja investir em sua área de atuação, em 2008, cerca de R\$ 1,3 bilhão no âmbito da agricultura familiar, além de outros R\$ 1,3 bilhão em agropecuária empresarial.

Apresenta-se a seguir uma análise dos cenários e perspectivas das principais atividades agrícolas para 2008.

2 – ALGODÃO

O desempenho do algodão foi favorável no biênio 2006-2007, dado o reduzido estoque internacional, que elevou os preços deste produto, o que favoreceu o aumento da área plantada em 27,8% (1,1 milhão de ha) e da produção em 43,6% (3,9 milhões de ha). No Nordeste, o desempenho foi semelhante (17,5% superior em área e 39,4% superior em produção) (BNB, 2007 – Conjuntura Econômica).

Durante os anos 2004 e 2005, os preços do algodão se mantiveram em baixa. A queda no preço mundial do algodão foi decorrente de diversos fatores, dentre eles, pode-se destacar a produção acima do consumo, a estagnação da demanda e estoques elevados.

No final de 2005, as cotações do algodão no mercado externo começaram a reagir, impulsionadas pela redução da área plantada e produção mundial, além do crescimento do consumo mundial da fibra. Na safra 2005/06, houve redução da produção mundial de algodão da ordem de 970 mil toneladas (AGRIANUAL, 2008).

Em 2007, o preço do algodão no mercado externo apresentou fortes oscilações, em função das especulações em torno das condições das lavouras nos Estados Unidos e China. Para 2008, as perspectivas são de que o mercado exerça pressão sobre os preços internos do algodão, pois a quantidade ofertada será maior que a demandada, fato que obrigará cada vez mais os produtores a buscarem o mercado externo. O preço poderá chegar a US\$ 0,72/lb em alguns períodos, o maior em uma década (VEIGA FILHO, 2008).

O quadro de oferta e demanda para a próxima safra será mais ajustado. Baseando-se nas estimativas de produção, exportação, importação e consumo, prevê-se uma redução de 16,15% dos estoques finais da safra 2007/08 quando comparados com a safra 2006/07, fato este que pode ser atribuído ao crescimento do consumo, enquanto a produção apresentou uma ligeira queda, vide Gráfico 1. A estimativa é de que a demanda têxtil mundial tenha um crescimento de cerca de 5,35% em relação à safra anterior, totalizando um consumo de 28,20

milhões de toneladas na safra 2007/08, o que corresponde a um incremento de 1,35 milhões de toneladas (BNB, 2007 – Análise Setorial Algodão).

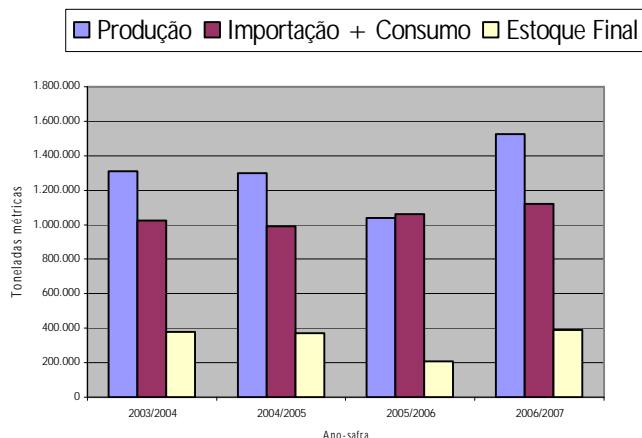


Gráfico 1: Evolução da Produção, Importação, Consumo e Estoque de Algodão em Pluma no Brasil, Período 2003-2007

Fonte: Agrianual (2008).

A partir de 2003, em função do aumento da área plantada, observou-se um aumento do volume dos estoques nacionais de algodão, e, muito embora as exportações tenham crescido nos últimos seis anos, a produção foi superior à demanda interna. O consumo final em 2006 foi de 981,0 mil toneladas. A estimativa é de que, para a atual safra, ocorra um aumento de 439 mil toneladas. No entanto, a demanda (consumo mais exportações) deverá ser menor que a oferta, aumentando os estoques de passagem (AGRIANUAL 2008).

Os preços internacionais do algodão subiram em dólares (de US\$ 0,50/lb para US\$ 0,57/lb nas últimas duas safras). Porém, em reais, os preços foram afetados de forma negativa, em virtude da valorização da moeda nacional (VEIGA FILHO, 2008).

O comportamento nordestino seguiu a trajetória brasileira, em virtude dos sistemas de produção serem semelhantes (produção de cerrados). O algodão produzido no semi-árido tem pouco volume, comparado ao dos cerrados, o que não afeta o comportamento do mercado interno.

Na última safra, a concorrência com a soja e o milho, que apresentaram melhores condições de mercado, fez reduzir a intenção de plantio da cultura do algodão no País. Com os preços internacionais do algodão melhores comparativamente aos pagos no mercado interno, para 2008, espera-se um ligeiro aumento da área plantada apenas para atender os compromissos de exportação. Para o Nordeste, espera-se o mesmo comportamento.

Os principais entraves enfrentados por essa atividade dizem respeito à concorrência da área plantada com culturas mais rentáveis (soja e milho) na última safra; concorrência com fibras sintéticas, que atualmente têm perdido espaço em virtude do aumento do preço do petróleo; logística de distribuição carente de melhorias (BNB, 2007 – Análise Setorial Algodão).

Em termos de perspectivas para 2008, acredita-se que a cultura algodoeira enfrentará os mesmos problemas, intensificados pelo aumento do consumo que demandará maior quantidade do produto. Se não forem resolvidos os problemas de logística, por exemplo, o País continuará tendo elevados custos para levar seu produto ao mercado consumidor, o que afetará a rentabilidade da atividade.

O BNB pode ajudar a superar os problemas anteriormente identificados através do estabelecimento de parcerias estratégicas, objetivando melhorar as condições de escoamento da produção (infra-estrutura); liberação de crédito de forma tempestiva e apoio às pesquisas para o setor.

Registre-se que, caso o produtor não tenha condições de escoar sua produção, poderá não honrar seus compromissos com o Banco, gerando inadimplência. Problemas climáticos também poderão afetar o setor, haja vista ser uma atividade de sequeiro.

3 – FEIJÃO

Problemas com preços baixos no início de plantio da safra 2006/2007 e o retorno de produtores ao cultivo do milho na região Centro-Sul fizeram os produtores reduzirem suas áreas plantadas em 3,2% em relação ao ano-safra 2005-2006, o que provocou uma baixa na produção de 3,2%. Com isso, os preços dispararam no mercado nacional no fim da safra. No caso do Nordeste, houve o agravante da seca que afetou substancialmente a produtividade da lavoura (BNB, 2007 – Conjuntura Econômica).

Em relação aos últimos quatro anos, ocorreu uma produção maior que o consumo, o que elevou os estoques, culminando em queda do preço no início de 2007. Posteriormente, com a estiagem no Nordeste e menor intenção de plantio, os preços dispararam (AGRIANUAL, 2008).

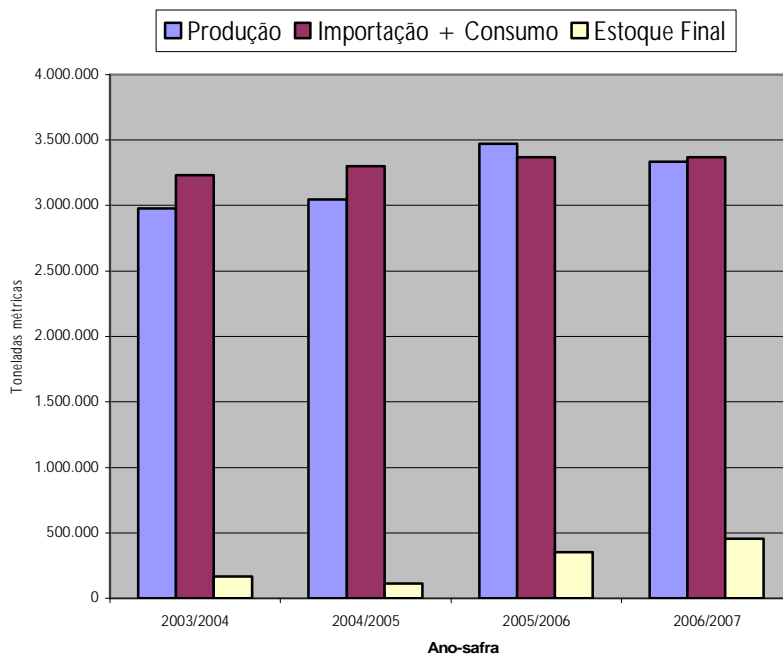


Gráfico 2: Evolução da Produção, Importação, Consumo e Estoque de Feijão no Brasil, Período 2003-2007

Fonte: Agrianual (2008).

A cultura tem pouca relevância no mercado internacional. O que poderá ser afetado no mercado interno é a cultura do feijão preto, que possui certo volume importado para atender à demanda interna. Com a valorização do real, torna-se mais barato comprar este produto, o que poderá reduzir os preços internos. A demanda interna encontra-se estável, sem maiores oscilações.

É importante ressaltar que o câmbio poderá afetar o mercado do feijão preto, que tem certo volume importado. Os preços do feijão preto não se elevaram tanto quanto os observados para o feijão cariquinho.

O consumo do Nordeste ocorre preferencialmente com os tipos produzidos internamente (cariquinho, macacã – também conhecido por feijão de corda ou caupi), que foram afetados pela reduzida produção na última safra.

A alta volatilidade dos preços é desfavorável ao setor, gerando grandes distorções ao longo da cadeia produtiva. Para o País, não se espera alteração no quadro atual.

Em termos de perspectivas, espera-se que com a regularidade no clima, a produtividade tende a se recuperar no Nordeste, afetando substancialmente a produção, o que poderá provocar redução nos preços, trazendo um certo equilíbrio ao setor.

Os principais entraves enfrentados pelo setor dizem respeito ao baixo nível tecnológico de produção, além de problemas climáticos frequentes na principal região produtora. O Banco poderá ajudar a superar esses problemas financiando pesquisas e difusão tecnológica de variedades adaptadas às condições edafo-climáticas do semi-árido. Registre-se que referidos problemas poderão afetar a capacidade de pagamento dos clientes do Banco.

4 – MILHO

A produção brasileira de milho tem sido superavitária. Até o ano de 2005, praticamente toda a produção de milho era consumida internamente, sendo exportado apenas um pequeno excedente. Porém, a partir da decisão do governo norte-americano em utilizar o milho para a produção de etanol, a produção daquele país tornou-se insuficiente para atender à demanda internacional desse grão, ocorrendo então um salto nas exportações brasileiras.

Observando a evolução dessa cultura, para as últimas cinco safras, nota-se que a produção de milho teve queda nas safras 2003/2004 e 2004/2005, e um considerável crescimento na safra de 2006/2007 (20,8% em relação à safra anterior), conforme Gráfico 3. Para a safra de 2007/2008, estimou-se uma produção recorde, de 52.320,0 mil toneladas. Este aumento de produção tem como causa os elevados preços internacionais desta *commodity*, que influenciaram no aumento da área plantada (AGRIANUAL, 2008).

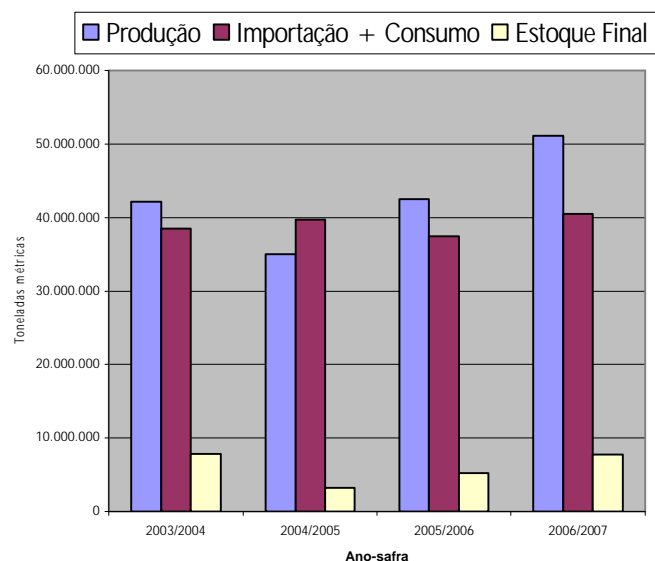


Gráfico 3: Evolução da Produção, Importação, Consumo e Estoque de Milho no Brasil, Período 2003-2007

Fonte: Agrianual (2008).

O preço do milho no mercado internacional encontra-se em patamar elevado, alcançando níveis recordes na bolsa de Chicago (US\$ 4/bushel¹ ou US\$ 146,97/t, no final do ano de 2007) (VEIGA FILHO, 2008).

A demanda mundial pelo grão encontra-se aquecida pelos seguintes fatores: produção de Etanol nos EUA; forte demanda chinesa e europeia para abastecer as cadeias de alimentação animal (carnes) (AGRIANUAL, 2008).

Os estoques mundiais encontram-se reduzidos em virtude da forte demanda, não acompanhada no mesmo ritmo pela produção. Comparando os últimos dez anos, a relação estoque/consumo encontra-se no menor nível, com 13% (AGRIANUAL, 2008).

Em relação ao Brasil, A demanda interna tem se mantido estável, com leves altas nos últimos anos. A produção, por outro lado, tem aumentado mais que proporcionalmente à demanda, recuperando o estoque interno e proporcionando exportação do excedente.

A taxa de câmbio tem influenciado negativamente a atividade, tendo alguns produtores recomprado contratos de venda ao exterior, por conta do preço interno superar a paridade internacional.

O Nordeste sofreu com a estiagem na safra passada, o que reduziu sua produção. Para a safra 2007/2008, espera-se recuperação da produtividade. No caso dos preços, estes têm acompanhado a trajetória nacional.

As perspectivas para o Brasil são de aumento de área plantada, produtividade e produção, principalmente para o Nordeste, em virtude da recuperação da safra 2006/2007, afetada pela estiagem. A perspectiva de aumento de área está baseada nos preços aquecidos desta *commodity* tanto no mercado nacional quanto internacional.

Atualmente, os principais entraves enfrentados pelo setor dizem respeito a estruturação da cadeia produtiva, gargalos logísticos, alta taxa, além de problemas climáticos. Registre-se ainda que existe uma carência de plataformas exportadoras, cujas remessas de milho são paralisadas no período de março, sendo retomadas apenas em junho, quando as exportações da soja terminam (caso do Porto de Paranaguá, maior plataforma exportadora de milho). Os produtores

¹ Unidade de medida usada nas bolsas de futuros americanas para grãos e frutas (babylon.com, 2008). 1 bushel = 27,2155 kg.

dos Cerrados Nordestinos não sofrem tanta influência do mercado mundial quanto os do Centro-Sul do País, dado que a produção do Nordeste se destina exclusivamente ao mercado interno.

O BNB pode contribuir com o setor, estabelecendo parcerias estratégicas para melhorar as condições de escoamento da produção (infra-estrutura), além de empreender ações objetivando organizar a cadeia produtiva, liberar o crédito de forma tempestiva e financiar inovação e difusão tecnológicas.

É importante ressaltar que, caso o produtor não tenha condições de escoar sua produção, poderá não honrar seus compromissos com o Banco, gerando inadimplência. Problemas climáticos também poderão afetar o setor, haja vista ser uma atividade de sequeiro.

5 – SOJA

Dada sua importância comercial, a produção mundial vem evoluindo constantemente nos últimos anos. De 2004 até 2007, a produção de soja aumentou 26,6%, passando de 186,5 para 236,1 milhões de toneladas. A cultura sofreu forte queda nos preços em 2004/2005, devido ao aumento dos estoques internacionais, o que afetou a intenção de plantio nos principais países produtores. Apesar da redução da área plantada, a produção continuou em ascensão, o que pressionou ainda mais os preços. A recuperação só ocorreu a partir de 2007, com a redução na produção dos EUA, principal produtor mundial (AGRIANUAL, 2008).

O preço da soja tem alcançado níveis recordes na Bolsa de Chicago, próximo a US\$ 24,30/saca, maior valor desde 1973 e o segundo mais alto da história da Bolsa. Espera-se que os preços não se mantenham nesses patamares, podendo ocorrer certo recuo, porém ainda acima da série histórica (VEIGA FILHO, 2008).

A demanda de soja no mercado internacional tem apresentado solidez: o aumento dos preços internacionais do petróleo tem incrementado a procura por soja enquanto substituto; houve também aumento do consumo para alimentação humana e animal (BNB, 2007 – Conjuntura Econômica).

O estoque mundial encontra-se em patamar elevado (64,2 milhões de toneladas – 28,9% relação estoque/consumo), o que poderia afetar negativamente os preços. Porém, o risco do efeito *La niña* sobre a produção tem mantido os preços no mesmo nível, em virtude da possibilidade de quebra de safra (AGRIANUAL, 2008).

Em termos de Brasil, a demanda interna reduziu-se em 2005/2006, recuperando-se em 2006/2007, mais ainda abaixo da safra 2004/2005, vide Gráfico 4. Isto decorreu da maior destinação da produção para o mercado externo por conta de melhores preços, em virtude do câmbio favorável (maior valorização do dólar em relação ao real). Apesar da queda de demanda interna, os preços não foram afetados por conta do baixo estoque nacional, em torno de 7,8% do consumo (AGRIANUAL, 2008).

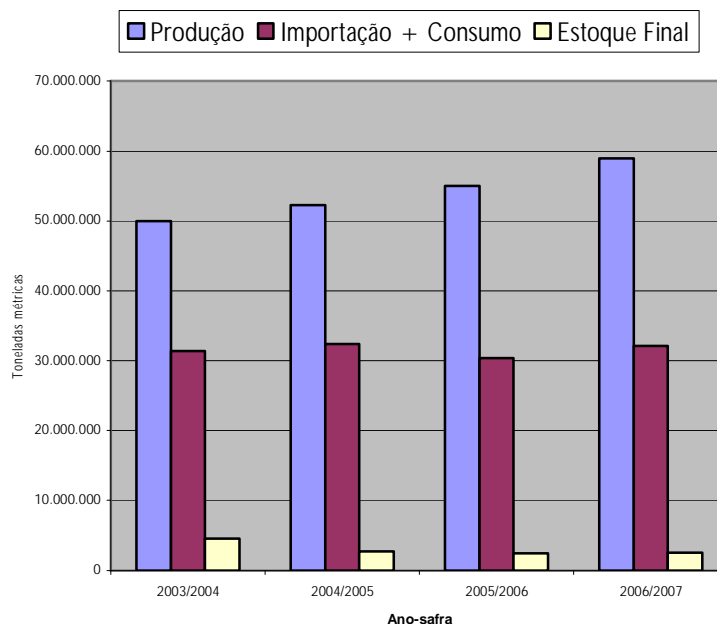


Gráfico 4: Evolução da Produção, Importação, Consumo e Estoque de Soja no Brasil, Período 2003-2007

Fonte: Agrianual (2008).

O câmbio tem reduzido os ganhos dos exportadores de soja, porém, continuando o dólar próximo ao preço de R\$ 2,00, os fatores decisivos serão a boa gestão de custos, a eficiência produtiva e a utilização de ferramentas de redução de risco por parte dos produtores, na consecução de melhores ganhos (BNB, 2007 – Conjuntura Econômica).

As perspectivas para o Nordeste são semelhantes em relação ao restante do País. Contudo, os produtores devem ficar atentos aos maiores riscos climáticos que acometem o Nordeste. Os preços seguem a mesma tendência nacional.

Espera-se que o ano de 2008 seja promissor para a soja, diante da perspectiva de crescimento da economia mundial, que manterá elevada a demanda por esta *commodity*. A previsão para a produção nacional é de 59 a 60 milhões de toneladas e de um aumento de 7% na área plantada (AGRIANUAL, 2008). No Nordeste, a produção deve subir de 3,86 para 4,25 milhões de toneladas, com expansão de 6,7% da área plantada, segundo previsão da CONAB (BNB, 2007 – Conjuntura Econômica).

Os principais problemas enfrentados pelo setor dizem respeito a gargalos logísticos e problemas climáticos. O Banco pode ajudar a superar esses problemas estabelecendo parcerias estratégicas para melhorar as condições de escoamento da produção (infra-estrutura); liberação de crédito de forma tempestiva e financiando pesquisas de inovação e difusão tecnológicas.

É importante ressaltar que, caso o produtor não tenha condições de escoar sua produção, poderá não honrar seus compromissos com o Banco, gerando inadimplência. Problemas climáticos também poderão afetar o setor, haja vista ser uma atividade de sequeiro.

6 – BANANA

A banana é a fruta mais consumida no mundo e o Brasil é o segundo maior produtor mundial, ficando atrás da Índia. De 2004 a 2007, a produção brasileira cresceu em 5,93% (de 6,58 milhões de toneladas para 6,97 milhões de toneladas) com aumento de 6,52% na área plantada (495,4 mil hectares para 527,7 mil hectares).

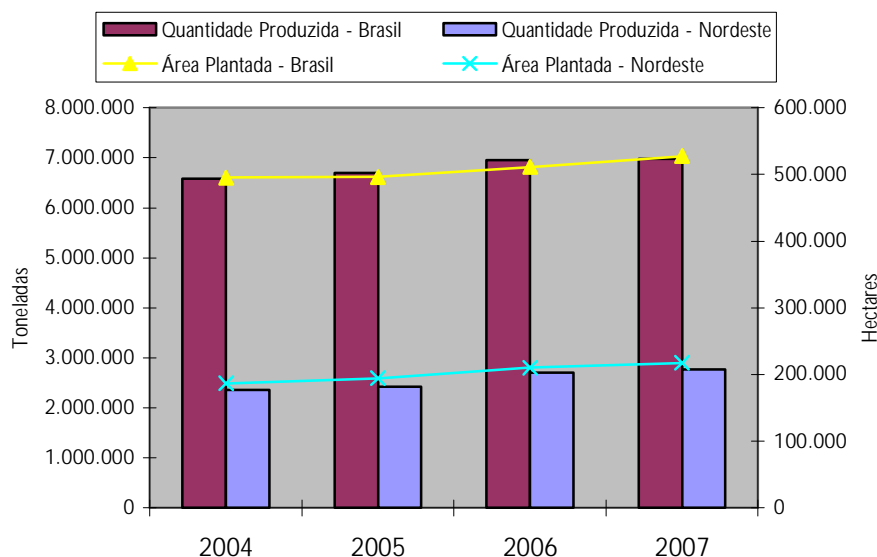


Gráfico 5. Produção e Área Plantada de Banana de 2004 a 2007

Fonte: IBGE / Produção Agrícola Municipal/ LSPA, adaptado.

A região Nordeste foi a que mais contribuiu para esse crescimento, apresentando incremento na produção de 17,43% (de 2,35 milhões de toneladas para 2,76 milhões de toneladas) e de 16,53% na área plantada (186,8 para 217,7 mil hectares). A Bahia é o maior produtor de banana da Região, apresentando em 2007, 1,29 milhões de toneladas produzidas em 85,7 mil hectares.

Em 2007, o Brasil exportou 185 mil toneladas (ou 2,66% de sua produção), sendo que o Rio Grande do Norte (41,32%) e Ceará (6,10%) tiveram participação destacada nas vendas. Em relação a 2006, observa-se que houve queda no volume exportado, mas aumento no valor das vendas, devido justamente à maior participação do Rio Grande do Norte e Ceará a partir daquele ano, pautada na variedade Cavendish e exportada quase toda (acima de 99%) para a União Européia, mais valorizada que a Banana-Nanica, comercializada pelos estados do Sul e Sudeste principalmente para os países do Mercosul.

Fator decisivo para esse incremento de exportações à União Européia foi a adoção, pela organização, de novo regime de importação da banana a partir de janeiro de 2006, em que se fixou tarifa única de € 176, substituindo a tarifa de € 680 que incidiam sobre as exportações que ultrapassassem a quota de 2,2 milhões de toneladas. De janeiro de 2006 a outubro de 2007, os preços da banana para exportação para a União Européia (Figura 3) sofreram alta de 19,18% (US\$ 303,50 para US\$ 361,71).

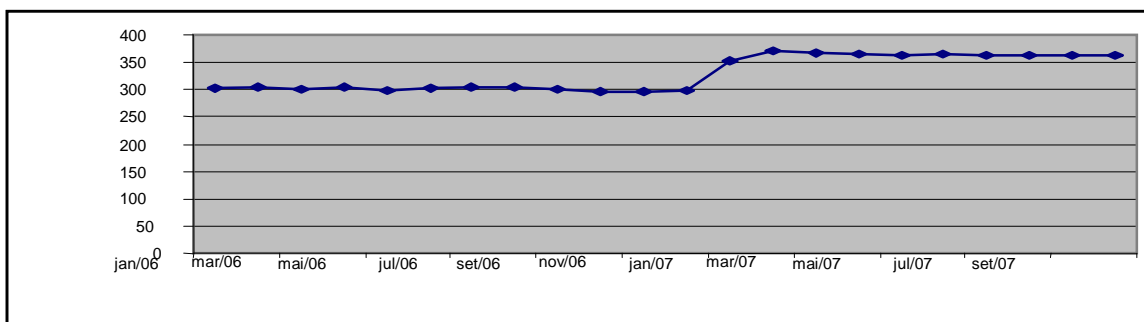


Gráfico 6 – Preço Médio da Exportação para a União Européia

Fonte: Hortifruti Brasil / Caderno de Estatísticas.

Nesse contexto, empresas multinacionais e brasileiras vêm investido pesadamente na produção de banana no Nordeste, especialmente no Ceará (desde 1999, 5 empresas nacionais e 13 estrangeiras — americanas, européias e sul-americanas — já investiram mais de R\$ 170 milhões no Estado).

Tabela 1 - Exportações de Banana de 2004 a 2007

Ano	Brasil		Ceará		Rio Grande do Norte	
	US\$ FOB	Peso Líquido (Kg)	US\$ FOB	Peso Líquido (Kg)	US\$ FOB	Peso Líquido (Kg)
2004	27.001.036	188.092.264	38.937	175.484	14.812.680	54.837.167
2005	33.062.889	212.204.569	87.551	43.717	19.544.583	66.678.152
2006	38.555.322	194.349.236	4.115.002	11.996.330	24.583.350	84.107.948
2007	44.300.738	185.720.644	3.915.160	11.335.187	28.097.442	76.747.605

Fonte: MDIC/Alice, adaptado.

No mercado interno, os preços têm variado conforme o volume ofertado pelas principais regiões produtoras (Vale do Ribeira, SP; Norte de Santa Catarina, SC; Norte de Minas Gerais, MG; e Bom Jesus da Lapa, BA), sendo que neste início de ano, os produtores baianos estão se beneficiando da escassez de oferta das demais regiões (entressafra).

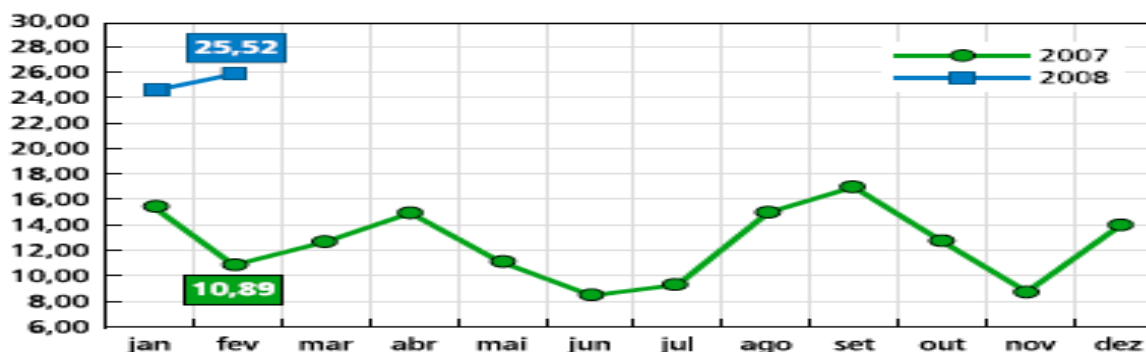


Gráfico 7 – Banana. Variação de Preço Pago ao Produtor – R\$/cx.

Fonte: Hortifruti Brasil.

Verifica-se um crescimento significativo da participação nordestina na produção de banana no Brasil, com importante papel desempenhado pela Bahia junto ao mercado interno e Rio Grande do Norte e Ceará no mercado externo (União Européia).

Os preços no mercado interno têm flutuado em sintonia com a oferta do produto por parte das principais regiões produtoras, com variações em decorrência de adversidades climáticas (seca em Santa Catarina) e doenças ("sigatoka negra" no Vale do Ribeira, SP).

No mercado externo, o volume exportado predominante se destina aos países do Mercosul, a partir dos estados das regiões Sul e Sudeste. No entanto, em valores, as exportações para a União Européia realizadas pelo Ceará e Rio Grande do Norte são as mais significativas (72% do valor das exportações brasileiras).

As perspectivas para 2008 permanecem positivas, com a oferta flutuando em função da ocorrência de doenças e adversidades climáticas nos países concorrentes, e preços em ascensão, sendo que as variações cambiais não devem afetar o desempenho das exportações.

Como fator de risco, as exportações nordestinas voltadas quase que exclusivamente para a União Européia sujeitam os produtores locais a perdas no caso de mudanças nas políticas tarifárias e de quotas de importação adotadas por aquela organização.

O Banco do Nordeste havia suspenso o financiamento aos produtores de banana devido ao elevado risco de ocorrência da doença "sigatoka negra", mas retomou as operações em 2006/2007, após zoneamento realizado pela EMBRAPA Fruticultura, com ênfase nos sistemas irrigados de produção.

O BNB, através do FUNDECI, tem apoiado pesquisas voltadas ao desenvolvimento de variedades de banana resistentes à "sigatoka negra", ainda sem resultados definitivos. Os empreendimentos apoiados pelo Banco, portanto, ainda apresentam riscos decorrentes da ocorrência dessa doença.

7. MANGA

A produção do Nordeste cresceu 56,2% no período 2004/06, tendo a produção dessa Região representado 78,0% da produção brasileira em 2006. A produtividade regional vem crescendo nos últimos anos, tendo alcançado 17,3 toneladas/hectare, Tabela 2.

É importante ressaltar que a produção do Nordeste cresce em ritmo superior à brasileira, porque as áreas recém-implantadas estão no Nordeste (perímetros irrigados, com boa parte da produção voltada para a exportação). As demais regiões do Brasil cessaram o crescimento extensivo. Entretanto, no que diz respeito às exportações de mangas "in natura", o Nordeste é a região exportadora.

Tabela 2. Manga – Produção e Área Plantada, Brasil e Nordeste, 2004 a 2006

País/Estado	Quantidade Produzida (Tonelada)			Valor da Produção (Mil Reais)			Área Plantada (Hectare)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Brasil	949.610	1.002.211	1.217.187	394.527	428.811	616.568	73.239	71.343	78.485
Nordeste	610.177	702.925	953.217	260.379	321.105	508.601	45.992	46.901	54.972
Piauí	17.498	15.517	13.991	4.579	4.211	3.828	1.741	1.681	1.384
Ceará	42.341	38.181	43.240	9.993	10.634	12.858	4.795	4.812	4.890
Rio Grande do Norte	40.077	38.775	37.258	22.681	20.921	18.588	3.177	3.092	3.079
Paraíba	23.795	23.064	22.645	5.378	5.762	5.696	2.764	2.721	2.667
Pernambuco	145.893	152.694	170.333	61.655	63.768	91.969	8.102	8.370	9.233
Alagoas	7.408	8.477	7.996	1.680	1.413	1.400	970	969	966
Sergipe	22.973	26.277	27.387	20.898	11.667	11.396	1.142	1.172	1.244
Bahia	305.658	396.662	625.812	132.148	201.003	360.535	22.371	23.320	30.703
Minas Gerais	61.318	62.406	73.487	38.438	31.475	35.806	5.692	5.992	7.142
Espirito Santo	6.201	5.791	5.753	3.905	3.003	3.286	470	399	395

Fonte: IBGE, 2008.

Os preços médios ao produtor, para o mercado interno em Petrolina apresentaram boa recuperação (de R\$ 0,51/kg para R\$ 0,68/kg) mas registraram queda de 32,0% em Livramento do Brumado. O mercado externo registrou uma queda de 9% no preço médio (de R\$ 0,75/kg para R\$ 0,68/kg) de 2006 para 2007.

A demanda do mercado internacional é crescente, embora o Brasil tenha dificuldades para se aproveitar dessas oportunidades, mercê da concentração excessiva dos plantios na variedade Tommy Atkins. Na janela de mercado do Brasil, essa é a variedade cujo preço tem registrado decréscimos, refletindo na renda dos exportadores brasileiros. Mesmo assim, em 2007, os resultados foram superiores a 2006.

A demanda interna de manga não tem sido capaz de absorver o crescimento da oferta do Nordeste. Entretanto, a crise parece ter sido mais grave em 2006; tanto que a oferta aumentou em 2007.

Apesar de a desvalorização do dólar reduzir as receitas em reais, houve aumento nas exportações brasileiras (tanto para a União Européia quanto para os Estados Unidos, seja em volume, seja em valor). Para conseguir um resultado desse tipo, entretanto, exige-se um esforço maior, seja no quantum, seja na qualidade, seja na colocação mais oportuna dos produtos.

Os principais problemas enfrentados dizem respeito à concentração excessiva da variedade Tommy Atkins e aumento da concorrência nos mercados europeu e americano por parte de outros países, com variedades mais valorizadas do que a Tommy Atkins.

Em 2008, o setor continuará enfrentando as dificuldades anteriormente mencionadas, mas há expectativas de que a renda desta safra, que deve ser suficiente para pagar as despesas da temporada passada e assegurar os tratamentos culturais para garantir a qualidade em 2008, o que não é muito. Os problemas que persistirão em 2008 são preços ainda baixos, câmbio desfavorável, concorrência acirrada no mercado externo e pouca flexibilidade para alterar a oferta (CEPEA-ESALQ, 2008).

Registre-se que o Banco do Nordeste divulgará diagnóstico da produção de manga em Petrolina/Juazeiro (trabalho já concluído) e realizará estudo nas áreas emergentes (Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia), para fomentar a discussão de alternativas a serem desencadeadas pelas lideranças do setor.

Vale registrar que o Banco é o principal financiador dos pomares implantados nas regiões produtoras (Petrolina/Juazeiro, Livramento do Brumado, Norte de Minas Gerais) e as dificuldades dos produtores refletem-se em inadimplência.

8. MELÃO

A produção do Nordeste cresceu 49,8% no período 2004/06, e a Região respondeu por 95,0% da produção brasileira em 2006. A produtividade regional tem se mantido em torno de 25 toneladas/hectare, Tabela 3.

Tabela 3. Melão – Quantidade Produzida e Área Plantada. Brasil e Nordeste, 2004 a 2006.

País/Estado	Quantidade Produzida (Tonelada)			Valor da Produção (Mil Reais)			Área Plantada (Hectare)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Brasil	340.863	352.742	500.021	260.154	235.563	316.236	15.505	16.008	21.366
Nordeste	320.819	332.879	480.658	246.818	220.320	301.541	12.722	13.249	18.599
Maranhão	250	249	238	80	88	82	25	24	23
Piauí	945	1.032	1	857	825	1	45	53	6
Ceará	109.566	117.937	165.633	84.200	91.745	132.704	4.394	4.951	6.629
Rio Grande do Norte	167.492	160.303	245.552	142.454	101.918	138.366	5.924	5.480	8.157
Paraíba	80	365	301	20	117	119	4	20	17
Pernambuco	14.780	25.325	20.065	7.221	12.571	11.916	842	1.100	955
Alagoas	-	1.032	880	-	1.135	880	-	24	22
Bahia	27.706	26.636	47.988	11.986	11.920	17.473	1.488	1.597	2.790

Fonte: IBGE, 2008.

Nota: Sergipe, Minas Gerais e Espírito Santo não produzem.

Os preços internos ao produtor caíram 23,0% no período. No exterior, o preço no mercado europeu está em torno de US\$ 9,03/cx. 10 kg (melão honeydew) e se manteve estável em relação a 2006.

As exportações aumentaram 30% em relação a 2006, por conta da qualidade superior da fruta nacional. Mas, no mercado americano, houve redução por conta da valorização do real e reajustes dos contratos em 15% (para compensar a perda do câmbio), o que afetou a competitividade do produto brasileiro. Considerando a qualidade do produto nordestino, as variedades exportadas e as janelas de mercado ocupadas, as perspectivas são estáveis para 2008.

O reajuste dos contratos em 15%, para compensar a perda de receitas com valorização do real, findou por reduzir a competitividade do produto brasileiro no mercado americano. Há expectativa de que os embarques para a Europa também sejam um pouco menores do que no ano anterior.

A demanda interna reduziu-se no segundo semestre/2006 e frustrou os produtores. Por conta disso, prevê-se redução da área em 2008, o que deverá sustentar o preço.

Atualmente, a maior preocupação do setor diz respeito a redução das receitas em reais, face à valorização da moeda nacional frente ao dólar e à estabilidade do preço externo do melão. Além disso, o aumento da incidência da

mosca-minadora – principal praga da cultura – tem elevado os custos de produção. Esse fato, combinado com uma redução das vendas externas e internas pode comprometer a rentabilidade da cultura.

O Banco poderá contribuir com o setor associando-se aos esforços dos governos do Rio Grande do Norte e do Ceará no combate à mosca-minadora (patrocinando pesquisas, especialmente aquelas ligadas ao controle biológico).

Os produtores da região de Petrolina e Juazeiro estão retornando ao mercado do melão; mas em condições inferiores às do Rio Grande do Norte e Ceará. O produto pode representar uma forma de diversificação – o que será positivo se cultivado por clientes nossos naquela região dedicados a outros produtos, como banana, manga, coco-da-baía, uva – mas a qualidade ainda inferior não o isenta de risco.

9 – UVA

A produção de uvas no Brasil em 2007 foi de 1,4 milhão de toneladas, 7,79% superior ao ano de 2006 (Tabela 4). No Nordeste, os principais produtores verificaram incremento de 3,03% (Bahia) e 9,34% (Pernambuco) na produção, e de 3,38% (Bahia) e 39,64% (Pernambuco) na área plantada.

Tabela 4 – Produção e Área Plantada de Uva – 2004 a 2007

	Produção (t)				Área Plantada (ha)			
	2004	2005	2006	2007	2004	2005	2006	2007
Brasil	1.291.382	1.232.564	1.257.064	1.354.960	71.640	73.222	75.385	89.946
Nordeste	241.734	262.776	277.096	290.980	8.261	8.712	9.228	11.208
Bahia	85.910	109.408	117.111	120.654	3.407	3.685	3.938	4.071
Ceará	2.245	1.831	2.172	sd	66	61	67	Sd
Paraíba	1.440	630	1.980	sd	80	90	110	Sd
Pernambuco	152.059	150.827	155.781	170.326	4.704	4.872	5.111	7.137
Piauí	80	80	52	sd	4	4	2	Sd
Espirito Santo	175	504	522	sd	21	36	34	Sd
Minas Gerais	13.068	14.389	12.318	11.995	917	936	893	878

Fonte: IBGE, 2008.

Segundo a EMBRAPA UVAS E VINHOS, do total de uvas produzidas no Brasil em 2007, 47,0% foi destinada à elaboração de vinhos, sucos e outros derivados, representando aumento de 35,3% em relação ao ano anterior. Em 2006, a uva processada representou 38,3% da produção. As condições climáticas favoráveis para a produção de uvas no Rio Grande do Sul, principal pólo de produção de vinhos, foram as principais razões deste aumento. No que se refere às uvas destinadas ao consumo in natura, apresentaram decréscimo de 5,3%.

As exportações de uvas frescas são dominadas pelos Estados da Bahia e Pernambuco, que responderam por 99,9% das exportações brasileiras de 2007 (sendo 40,9% da Bahia e 58,8% de Pernambuco), superando em 26,9% o volume exportado em 2006 (Tabela 5 e Figura 5). As exportações representaram 27,0% da produção de 2007 daqueles estados. Portanto, cerca de 212 mil toneladas foram comercializadas no mercado interno, incluindo pequena parcela voltada para a produção de vinho tinto, equivalente a 5 milhões de litros. Essa produção de vinho - equivalente a 1,5% da produção do Rio Grande do Sul – está em crescimento e deve ocupar espaço mais significativo no mercado nacional e internacional, devido à qualidade superior da bebida obtida pelas vinícolas nordestinas (para o vinho tinto, sendo que os espumantes produzidos no Sul são de melhor qualidade).

Nesse segmento, a balança comercial brasileira é deficitária. Em 2007, foram importados 57,6 milhões de litros de vinho, que atenderam a 71,6% do consumo brasileiro, com déficit de US\$ 150,3 milhões na balança comercial e representando incremento de 30,0% nas importações relativamente a 2006.

Tabela 5 – Exportações de Uvas Frescas (Uva mesa) – Brasil, Bahia e Pernambuco - 2006 e 2007

Ano	BRASIL		BAHIA		PERNAMBUCO	
	US\$ FOB	Peso Líquido(Kg)	US\$ FOB	Peso Líquido(Kg)	US\$ FOB	Peso Líquido(Kg)
2006	118.535.022	62.296.720	51.704.076	27.948.115	66.560.727	34.162.636
2007	169.696.455	79.081.307	70.107.812	32.316.307	99.120.208	46.508.486

Fonte: MDIC / Alice, adaptado.

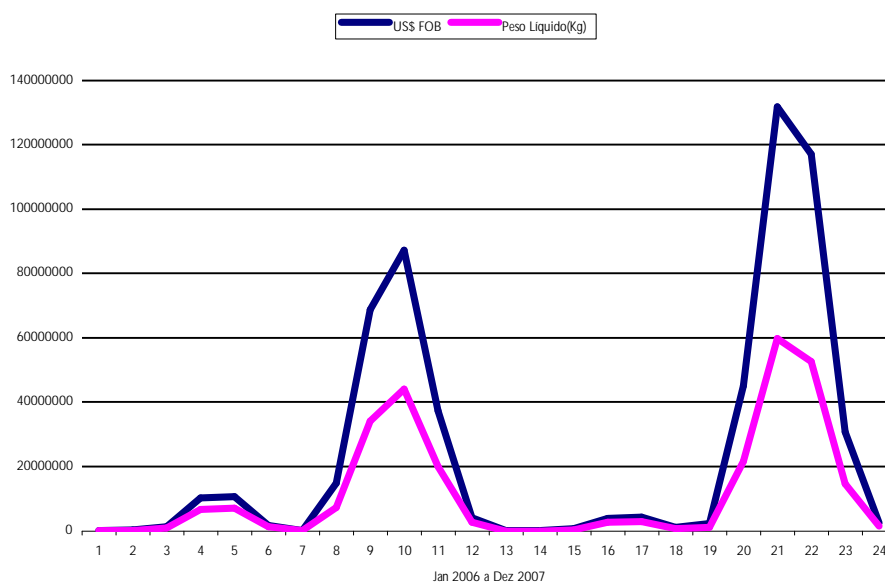


Gráfico 8 – Exportações Brasileiras de Uvas Frescas – Janeiro de 2006 a Dezembro de 2007

Ainda conforme a Figura 5 e a Tabela 5, os preços no mercado internacional de uvas frescas tiveram alta, variando de US\$ 1,90 FOB para US\$ 2,15 FOB, com vantagem adicional ao exportador nordestino, pois sua produção cobre a janela dos demais fornecedores da fruta fresca para a União Européia, principal destino das exportações brasileiras da uva in natura.

Observa-se uma tendência de alta na demanda internacional da uva in natura brasileira, especialmente devido à qualidade (produção em sistema irrigado, com elevado teor de açúcar, variedades com e sem sementes de grande aceitação no mercado europeu). Os mercados norte-americano e europeu são abastecidos principalmente pela África do Sul e Chile. O período de entressafra desses dois últimos países coincide justamente com o período da safra nordestina.

A demanda interna por uva in natura tem se mostrado firme, mas com volume de importações significativas e crescentes, principalmente da Argentina e Chile. Em 2007, o volume de uvas frescas importadas cresceu 28,6% em relação ao ano anterior. As importações se concentram no primeiro semestre, visto que as variedades importadas red globe e thompson são pouco cultivadas no Nordeste nesse período do ano.

Tabela 6 – Importações Brasileiras de Uvas Frescas - 2006 e 2007

Ano	US\$ FOB	Peso Líquido(Kg)
2006	11.229.696	12.086.684
2007	14.961.437	15.549.733

Fonte: MDIC / Alice, 2008. adaptado.

Não se verifica maior influência do câmbio no volume de exportações de uvas frescas, sendo que a valorização do produto no mercado europeu, principal destino do produto brasileiro, tem compensado as eventuais perdas cambiais. No que se refere ao setor de vinhos, a taxa de câmbio favorece o produto importado. Desde 2003, enquanto a participação do vinho brasileiro se mantém estável em torno de 23 milhões de litros/ano no mercado interno, os vinhos importados saltaram de 26,8 para 57,6 milhões de litros/ano.

O Nordeste domina as exportações brasileiras de uvas frescas, respondendo quase que integralmente pelo setor, com destino prioritário para a União Européia. As exportações de vinhos, sucos e espumantes, por sua vez, são dominados pelo Rio Grande do Sul, com destinos diversificados (Mercosul, Japão, Estados Unidos). No mercado interno, a uva nordestina compete com as demais regiões produtoras (Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais), além da Argentina e Chile. A vantagem dos produtores nordestinos reside na capacidade de obtenção de duas safras anuais (devido às condições edafo-climáticas e sistema de produção por irrigação), ofertando o produto na entressafra dos concorrentes, inclusive no mercado internacional.

As perspectivas dos vitivinicultores nordestinos são positivas, tanto no mercado externo, diante da boa aceitação do produto na União Européia, quanto no mercado interno, no atendimento da demanda na entressafra das demais regiões, quando os preços tendem a melhorar (Figura 6).

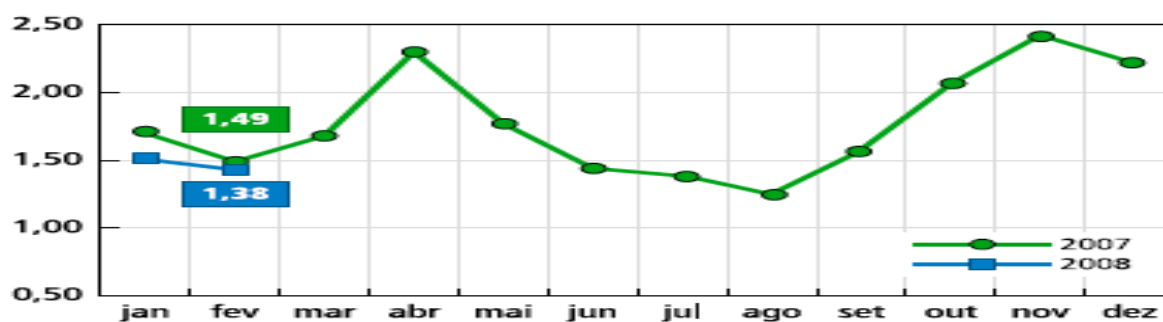


Gráfico 9 – Variação de Preço da Uva no Mercado Nacional – Jan 2007 a Jan 2008

Fonte: Hortifruti Brasil, Março de 2008. CEPEA/ESALQ USP.

A concorrência da Argentina e Chile no mercado nacional e África do Sul e Chile no mercado internacional é o problema mais evidente para os produtores nordestinos no que se refere à uva in natura. Os produtores nordestinos de uva estão buscando ingressar mais fortemente no mercado nacional e internacional de vinhos finos. A produção de variedade com qualidade adequada é o grande desafio das empresas instaladas na região do Vale do São Francisco que, ao mesmo tempo, estão investindo na produção de vinhos a preços “populares” para ampliar o mercado nacional da bebida, considerado ainda restrito, e com forte concorrência dos vinhos argentinos e chilenos, de qualidade superior e preços competitivos. A concentração da produção de uva para vinificação está concentrada em médias e grandes

empresas, havendo uma lacuna na participação dos pequenos produtores instalados na região, o que implica redução nas potencialidades de dinamização da economia pautada na vitivinicultura.

Questões de logística (transporte, fornecedores de equipamentos e insumos), tarifárias e tributárias devem concorrer para aumentar a competitividade da vitivinicultura do Vale do São Francisco.

O setor produtivo tem efetuado grandes investimentos, incluindo parcerias com grupos internacionais (Dão Sul, de Portugal, por exemplo), para o desenvolvimento da vitivinicultura. O Banco do Nordeste pode apoiar esse movimento, estimulando, através de programas específicos, uma participação maior de pequenos produtores de uvas voltadas à produção de vinho, além de, eventualmente colaborar nas pesquisas visando ao desenvolvimento de variedades mais produtivas e apropriadas à produção de vinhos finos.

A Tabela 7 apresenta a situação para operações com uva e vinho, posição em dezembro de 2007.

Tabela 7 – Saldo das Operações de Financiamento para Uva e Vinho – BNB 2007

	PRONAF UVA	NÃO PRONAF	
		UVA	VINHO
Quantidade de Operações "em Ser"- Exceto Prejuízo	597	748	12
Saldo Líquido (R\$)	3.763.275,41	118.434.971,37	7.186.831,55
Quantidade de Operações em Atraso	157	184	-
Saldo em Atraso (R\$)	410.408,61	3.358.686,21	-
Quantidade de Operações Normais	440	564	12
Saldo Normal	3.352.866,80	115.076.285,17	7.186.831,55
Quantidade de Operações em Prejuízo	13	154	5
Prejuízo	208.439,84	54.169.446,18	48.296,35
Provisão	194.554,24	6.079.773,11	29.493,26
% Inadimplência	10,91%	2,84%	0%

Fonte: Base de Dados BNB.

Verifica-se que o maior volume de financiamentos são de operações "Não Pronaf", onde o índice de inadimplência é baixo se comparado com o índice das operações "Pronaf". No entanto, os valores dos saldos em atraso e em prejuízo são mais significativos para os clientes "Não Pronaf", tanto para uva quanto para vinho.

10 – BIODIESEL

O Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) foi instituído em 2004, com vistas a estimular este biocombustível. O biênio 2006/2007 foi de estruturação do programa, visando ao atendimento da demanda instituída com a obrigatoriedade da adição de 2% de biodiesel ao óleo diesel comercializado no País a partir de janeiro/2008 e 3%, a partir de julho/2008. Eleita pelo Governo Federal como principal oleaginosa para produção de biodiesel no Nordeste, a mamona apresentou uma redução na área destinada ao cultivo nesse período, com conseqüente redução na oferta do produto, fato que pode ser explicado pelo baixo nível de preço pago ao produtor na safra 2005.

Com o advento do PNPB, a produção brasileira de mamona cresceu 65,8% em 2004 e 21,7% em 2005, atingindo 168,8 mil toneladas neste último ano, impulsionado com aumento de área e produtividade. Tendo em vista o baixo preço pago ao produtor, principalmente na safra 2005 quando a tonelada da mamona chegou a ser comercializada a R\$ 260,00 no Ceará, observou-se uma drástica redução na área destinada ao cultivo em 2006 (34,6%), com

conseqüente queda na produção (43,7%), afetada ainda pela queda na produtividade em função das condições climáticas adversas. Essa área manteve-se estável para a safra 2007 e a produção apresentou queda devido a condições climáticas e ausência de tratos culturais adequados (Gráfico 5).

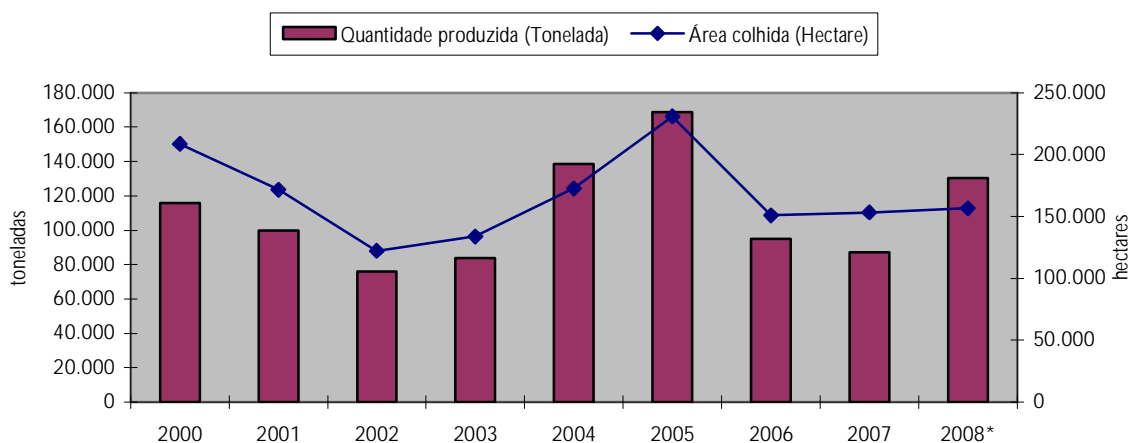


Gráfico 10 - Mamona. Quantidade Produzida (t) e Área Colhida (ha). Brasil - 2000 a 2008

Fonte: IBGE, 2008.

* Estimativa.

A União Européia prevê a substituição de 5,75% de diesel por biodiesel em 2010 e 20% em 2020, o que representa uma demanda de 15 bilhões de litros de biodiesel no primeiro momento e 40 bilhões de litros *a posteriori*.

A demanda interna está aquecida em virtude da demanda induzida com a obrigatoriedade de adição do biodiesel ao diesel mineral. A produção estimada de mamona para o Nordeste na safra 2008 (117,1 mil toneladas) representa 72,4% da demanda para a produção de biodiesel projetada (161,8 mil toneladas) e 19,0% da capacidade produtiva instalada na Região. O preço tem se elevado, sendo negociado na safra 2007 a R\$ 700,00 por tonelada no Ceará e R\$ 1.100,00 na Bahia.

Por falta de matéria-prima (mamona), atualmente 90% da produção de biodiesel no Brasil advém da soja, que possui uma cadeia produtiva mais estruturada, porém voltada para a grande propriedade, o que foge ao foco do PNPB para o Nordeste que é a inclusão social.

As perspectivas para os próximos anos são no sentido de ocorrer aumento da oferta de matéria-prima até o nível de atender a demanda existente por óleo vegetal. No curto prazo, a soja se apresenta com maior potencial, dada a maior estrutura de sua cadeia produtiva. No médio e longo prazos, porém, o aumento da demanda internacional por soja tende a inviabilizar sua utilização como matéria-prima ao biodiesel. A mamona tem possibilidades de atender a demanda no curto e médio prazos, porém, seu óleo é considerado de alto valor para a produção do biodiesel, dada sua aplicação na indústria ricinoquímica. Vislumbra-se para o médio prazo a utilização de culturas permanentes, tal como o pinhão-manso e o dendê.

O Nordeste brasileiro precisa apostar em outra oleaginosa que seja rentável economicamente e permita a inclusão social para fazer frente às demais regiões produtoras brasileiras (Tabela 8).

Tabela 8. Teor de Óleo e Produtividade de Oleaginosas Seleccionadas

Oleaginosa	Teor de Óleo (%)	Produtividade (kg/ha) ¹	Produção de Óleo por hectare
Algodão	20	2.000	400
Amendoim	30	1.000	300
Dendê	20	20.000	4.000
Gergelim	50	700	350
Girassol	45	1.500	675
Mamona	40	900	360
Pinhão Manso	50	6.000	3.000
Soja	20	2.700	540

Fonte: IBGE, 2008 / CONAB, 2008. Elaboração: ETENE/BNB.

¹ Valores médios para o Nordeste do Brasil.

Apresentam-se com potencial o dendê para regiões litorâneas (principalmente para o litoral baiano) e o pinhão manso para o semi-árido. Apesar de lavouras perenes, são intensivos em mão-de-obra na colheita, proporcionando geração de renda e manutenção do homem no campo. A maturidade produtiva é alcançada após três a cinco anos, em média.

O principal entrave enfrentado pelo setor de biodiesel diz respeito a oferta de matéria-prima. O BNB poderá contribuir para solucionar esses problemas financiando pesquisas para difusão de tecnologias (sementes seleccionadas e tratamentos culturais) já existentes para o plantio de culturas temporárias adaptadas à região, tais como a mamona, o girassol e o algodão; financiando a pesquisa e/ou adaptação de lavouras permanentes, tais como o pinhão manso e o dendê; financiando a produção dessas lavouras.

11 – CANA-DE-AÇÚCAR

O Brasil é o principal produtor mundial de cana-de-açúcar, com produção de 474,8 milhões de toneladas na safra 2006/07 numa área de 6,2 milhões de hectares. Na safra (2007/08), a produção nacional foi 10,0% superior, comparada à safra anterior. Com relação ao açúcar, entre as safras 2005/06 e 2006/07, ocorreu crescimento na produção brasileira em 11,6%, passando de 26.713,5 milhões de toneladas para 30.223,6 milhões. Para o álcool, a produção brasileira experimentou um pequeno crescimento de 3,8% no mesmo período totalizando 17,5 bilhões de litros, provavelmente limitado por condições climáticas adversas. O aumento na produção de cana, açúcar e álcool deveu-se principalmente à expansão dos investimentos em usinas de açúcar e álcool no País.

Nas quatro últimas safras, observou-se grande dinamismo no setor sucroalcooleiro brasileiro, com grande incremento no volume de recursos aplicados em novas unidades produtivas. A área plantada com cana-de-açúcar cresceu 9,5%. A produção de açúcar aumentou cerca de 27,0% e a de álcool 19,4%, evidenciando avanço na produtividade agrícola e rendimento industrial. No Nordeste, o crescimento da produção tanto de cana-de-açúcar, quanto de açúcar e álcool é bem menos dinâmico, pois, praticamente não existem mais áreas para expansão da cultura na zona da mata nordestina, principal região produtora do Nordeste, onde o crescimento da área deverá ocorrer nos estados do Piauí e Maranhão.

Entre as safras 2005/06 e 2006/07, os principais concorrentes brasileiros (China, Índia, México, EUA, e países da União Européia) aumentaram sua produção de açúcar, contribuindo para o aumento da produção mundial em 22,3 milhões de toneladas, fazendo com que o preço médio do açúcar no mercado internacional em 2007 fosse em

torno de 41% menor que o da safra anterior. Em fevereiro de 2008 a cotação do açúcar na Bolsa de Londres (Liffe) foi de US\$ 367,01/ tonelada, cerca de 9,0% superior à cotação no mercado interno.

Com relação ao álcool, o custo de produção no Brasil é o mais baixo do mundo, o que permite a venda pelo menor valor no mercado. O preço da produção nacional gira em torno de US\$ 0,20 ante US\$ 0,47 do álcool de milho americano.

Na safra 2007/08, deverão ser produzidos no mundo 168,4 milhões de toneladas de açúcar, e deverá exceder a demanda em 9,3 milhões de toneladas. Dessa forma, o volume dos estoques mundiais deverá ser incrementado em cerca 8,14%, totalizando 73,9 milhões de toneladas, o que poderá manter os preços internacionais do açúcar pressionados.

A produção mundial de álcool é de 40 bilhões de litros, com demanda mundial crescente. Porém, o volume comercializado no mercado internacional ainda é pequeno por conta da falta de excedentes de produção. Estima-se que para abastecer 5% do mercado mundial de álcool, o Brasil precisará aumentar a sua produção em cinco vezes, atingindo 100 bilhões de litros.

A demanda interna por açúcar é estável, gira em torno de 11,4 milhões de toneladas. De acordo com dados do USDA, o Brasil não possui estoque de açúcar. O consumo de álcool anidro está diretamente relacionado à demanda da gasolina, já que é misturado nesse combustível. Já a demanda por álcool hidratado está atrelada ao crescimento da frota de carros movidos a álcool e carros flex-fuel. Internamente, são consumidos 14,1 bilhões de litros de álcool por ano. O estoque de passagem para a safra 2008/09 está estimado em 254 milhões de litros.

A desvalorização do dólar frente à moeda nacional reduz a remuneração e o volume das exportações principalmente do açúcar. Para o álcool, o efeito não é tão forte pois o volume exportado ainda é pequeno, a maior demanda ainda é no mercado interno por conta do crescimento das vendas do carro flex-fuel.

O comportamento de preço de álcool entre o Brasil e o Nordeste é semelhante, a alta e queda iniciam-se por São Paulo, responsável pelo maior volume de produção e, posteriormente, Alagoas e Pernambuco acompanham a tendência. Os agentes de mercado da região Nordeste procuram avaliar o comportamento dos preços em São Paulo, considerando um diferencial de frete entre as regiões.

A tendência é de que o setor continue se expandindo no Brasil e estima-se um aumento médio de 10% na produção de cana, que deverá chegar a 515,0 milhões de toneladas na safra 2008/09. Portanto, serão necessários mais 600 mil hectares de área cultivada, totalizando 6,5 milhões de hectares. Estima-se a construção de 100 novas indústrias, chegando ao total de cerca de 500 em cinco anos. Deverá ser destinada maior parte da matéria-prima para produção de álcool, que deverá totalizar 23,4 bilhões de litros, 16,7% superior a 2007/08. As exportações de álcool do Brasil podem chegar a 4,0 bilhões de litros em 2008, contra 3,5 bilhões em 2006. A produção de açúcar terá crescimento tímido em relação ao álcool, e deverá chegar a 32,0 milhões de toneladas, 2,2% superior à projeção para a safra atual. Os preços externos deverão seguir pressionados.

Em termos de Nordeste, deverá ocorrer pouca variação na produção. A quantidade de açúcar produzido deverá crescer 14,2% e 8,7% em Pernambuco e Alagoas, respectivamente, onde a paridade entre o preço do açúcar e do

álcool tem se mantido favorável ao açúcar. No Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia, deverá ocorrer maior direcionamento da matéria-prima para álcool.

Os principais entraves enfrentados pelo setor referem-se a limitações dos terminais marítimos nordestinos para exportação de maior volume de álcool. Além disso, ocorrem resistência dos Estados Unidos e União Européia em abolir as barreiras comerciais e práticas de subsídios. O etanol brasileiro, por exemplo, recebe uma sobretaxa de US\$ 0,54 por galão nos Estados Unidos. Além disso, verifica-se precariedades em termos de infra-estrutura de transporte, custo de logística (frete e despachante) elevados, acima dos padrões internacionais.

Em 2008, a expectativa é de permanência de preços depreciados do álcool e do açúcar na próxima safra em virtude da expansão da produção nos principais países concorrentes. A esperada abertura do mercado norte americano para o etanol brasileiro ainda não deverá ocorrer.

O BNB poderá contribuir para superar os entraves apoiando projetos de melhoria de infra-estrutura (construção de dutos, investimento em ferrovias e hidrovias e equipagem dos portos), além de financiar pesquisas agrônomicas e de processos visando reduzir os custos de produção.

Os problemas do setor podem elevar o risco de inadimplência das indústrias e produtores perante o Banco, visto que tornam os produtores do Nordeste menos competitivos frente aos do Centro-Sul.

12 – LEITE

Nos últimos dez anos o Brasil tem conseguido ampliar a produção de leite, com média superior aos principais países produtores, além de haver melhorado a qualidade, passando de importador de produtos lácteos para exportador. No período 2000 a 2005, apesar de a produção ter crescido em torno de 4,4 bilhões de litros, o preço pago ao produtor teve uma pequena queda, a despeito da melhoria da qualidade em virtude de exigências sanitárias. O relativo aumento da produtividade compensou, em parte, a queda do preço.

No ano de 2007, no entanto, a produção de leite inicia um novo ciclo de crescimento, com substancial elevação do preço que pode ser explicado pela redução da oferta, tanto no mercado interno, como no externo, em consequência do abate de matrizes motivado pelo baixo preço do leite. Com a elevação do preço no mercado internacional de lácteos, os produtores aumentam o volume de investimento no setor, melhorando ainda a qualidade e aumentando a produtividade. No Brasil, o preço pago ao produtor alcançou, em agosto de 2007, R\$ 0,80/litro, o maior valor médio mensal pago desde 1994, de acordo com o CEPEA. No mesmo período, o custo de produção variou entre R\$ 0,58 a R\$ 0,61, por litro, o que proporcionou uma boa margem de lucro para o produtor.

No mercado internacional, o panorama não foi diferente, considerando que a demanda, nos últimos 4 anos, vem crescendo a uma taxa média de 4% a.a. (no Brasil o consumo cresceu em torno de 2%, em 2007). O aumento da demanda por leite e produtos lácteos pode ser explicado pelo aumento de renda que vem alcançando alguns países em desenvolvimento do Norte da África, Leste Europeu e a China.

Em 2008, com a alta dos preços dos grãos (milho e soja, principalmente, em face da produção de biodiesel), seria lógico esperar-se que o preço dessa commodity continuaria subindo, mas, na verdade, a tendência é que os preços se estabilizem nos níveis de 2007, com a regularização da oferta. A União Européia que é responsável pelo atendimento

de 35% da demanda internacional de leite e seus derivados, retirou em 2006 o subsídio concedido aos seus produtores. Com isso, espera-se que a produção da União Européia estará voltada para atender, primordialmente, o mercado interno, abastecendo os 12 países que entraram para o bloco recentemente.

Outro aspecto importante que poderá beneficiar os produtores brasileiros está relacionado com a seca que ocorreu na Oceania, provocando queda de produção na Austrália de 10%, enquanto a Nova Zelândia que é responsável por 30% da produção mundial manteve, praticamente, a sua produção. Em relação à Argentina, além das inundações que ocorreram naquele país, as exportações foram taxadas com a finalidade de controlar a inflação, enquanto os Estados Unidos, forte concorrente nas exportações, não têm condições de aumentar a sua produção, em face do aumento dos custos, motivado pela elevação do preço do milho que vem sendo usado para a produção de Etanol.

No mercado internacional, o preço médio da tonelada de leite em pó, no final de 2007, era de US\$ 5 mil, enquanto no mesmo período de 2006, era de apenas US\$ 2 mil. Segundo Rodrigo Alvim (presidente da Comissão Nacional de Pecuária de Leite do CNA), é a maior cotação de todos os tempos, ele não acredita que esse preço permaneça, mas certamente não voltará para a faixa de US\$ 2 mil.

Nos últimos três anos, o Brasil vem aumentando as suas exportações de produtos lácteos. Entre os anos 1996-2005, as vendas para o exterior cresceram cerca de 906%. Antes de 1996, o País vendia apenas para 15 países, atualmente, já exporta para 97. No primeiro semestre de 2006 foram exportados 43,4 milhões de kg, representando um incremento de 32,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. A receita obtida de US\$ 73.3 milhões foi 44,6% superior ao do período anterior, o que comprova uma valorização dos produtos lácteos no mercado internacional.

A Tabela 9 contém as exportações brasileiras de produtos lácteos no período de 2004 a 2005.

Tabela 9 – Exportação Brasileira de Produtos Lácteos

Produto (Em milhões de KG)	2004 (1)	2005 (1)	2006 (2)
Leite em Pó	55,311	61,791	73,39
Queijos e Requeijão	6,406	10,987	7,576
Leite <i>in Natura</i>	3,064	1,904	5,027
logurte	2,378	1,844	1,492
Manteiga e Derivados	1,068	1,816	1,546
Soro de leite	0,012	0,022	0,021
Total	68,24	78,364	89,052

Fonte: (1) Secex; (2) Anualpec 2007.

As importações têm tendência inversa à das exportações, porém, com queda mais moderada. Nos últimos dez anos, registrou-se uma redução de quase 78%. No primeiro semestre de 2006, o Brasil importou de 21 países (em 1996 eram 33 países) 36,6 milhões de kg de produtos lácteos, alcançando, em relação ao mesmo período do ano anterior, uma queda de 5%.

Considerando o cenário internacional, em que o Brasil teria amplas condições e competitividade para aumentar as suas exportações, principalmente para a Europa e países da Ásia e da África, a região Nordeste também poderia beneficiar-se dessa conjuntura, abastecendo o mercado doméstico e até exportar algum excedente para o Mercosul e outros países da América Latina, como a Venezuela que é deficitária na produção de leite. No entanto, medidas

importantes devem ser adotadas para tornar o setor lácteo nordestino competitivo, não somente para atender a demanda da Região, como entrar no exigente mercado internacional.

A adoção de tecnologias modernas para melhorar a produtividade e de práticas sanitárias rigorosas para controlar e erradicar doenças como a Febre Aftosa e a Brucelose, por exemplo, são inadiáveis para que os produtores de leite da região Nordeste possam habilitar-se para exportar os seus excedentes, inclusive para outros estados brasileiros, que já estão livres da Febre Aftosa. No momento, somente os estados da Bahia e do Sergipe estão livres de Aftosa, com vacinação. Os demais estados do Nordeste estão impedidos de exportar e comercializar produtos lácteos e animais não somente para o exterior, mas também para os demais estados brasileiros.

13 – CARNE BOVINA

A pecuária bovina experimentou significativa recuperação de preços a partir do segundo semestre de 2007, rompendo um ciclo de queda que ocorria há quatro anos. A prática de descarte de matrizes, intensificada desde 2003, surtiu efeitos reduzindo a oferta, ao passo que a demanda internacional continuou crescente, promovendo uma elevação acumulada de 27% nos preços médios da arroba no segundo semestre do ano, sendo cotada a R\$ 77,00 nos contratos à vista. Ressalte-se que, apesar da recuperação de preços, a arroba do boi gordo ainda apresenta grande defasagem se comparada aos preços praticados há cinco anos.

Especialistas prevêem melhoria na margem de lucro dos pecuaristas nos próximos dois anos, o que os levará a retomar investimentos em genética e em recuperação de pastagens.

Em 2007 o aumento dos custos de produção foi inferior ao percebido nos preços, o que serviu para melhorar a rentabilidade. O preço do bezerro nas transações à vista (de novembro de 2006 a novembro de 2007) acumulou alta de 30,4%, sendo vendido a R\$ 478,00 em média.

A demanda internacional deverá manter-se aquecida com o aumento do consumo da China e dos países produtores de petróleo, como Venezuela e Rússia, que provavelmente terão suas receitas de exportação incrementadas. A Rússia prevê um aumento de 37,5% nas suas importações de carne bovina em 2008, o que beneficiará principalmente o Brasil, que nos primeiros dez meses de 2007, havia exportado 374 mil toneladas de para aquele país.

Apesar da contínua desvalorização do dólar frente ao Real, que comprometeu parcialmente as receitas de exportação, dados da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) revelam que as receitas com exportação de carne do Brasil em 2007 superaram em 16% as do ano anterior.

Mesmo com o aumento da participação da carne brasileira no mercado internacional, os problemas sanitários ainda não foram totalmente contornados, culminando no embargo promovido pela União Européia (EU) no final de 2007. O Brasil tenta contornar o problema implementando controles e fiscalização na produção, visando atender os requisitos de missões de auditoria enviadas pelos grandes importadores de carne da UE e Rússia, para isto sendo criado o Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (SISBOV).

No Nordeste, o BNB pode atuar apoiando o controle sanitário nas fazendas através de concessão de crédito para custeio e investimento em infra-estrutura.

Apesar da alta de preços do milho e soja, que afetam diretamente os custos com ração, os produtores de frango prevêem crescimento de produção em 2008 com vistas a atender o possível aumento da demanda no mercado interno, consequência do aumento da massa salarial.

Apesar da desvalorização do dólar, o crescimento das exportações de carne de frango em 2007 superou as expectativas dos produtores, gerando um aumento de receita de 43,3% em relação a 2006, fruto do aumento do volume exportado (16,5%) e dos preços (23,0%). O crescimento das exportações vem ocorrendo há vários anos. Só no período de 2000 a 2006, por exemplo, contabilizou-se um crescimento acumulado de 199%.

A avicultura no Nordeste possui comportamento distinto das demais regiões pelo fato de produzir para auto-consumo, sendo irrelevante o número de produtores nordestinos que exportam a carne de frango. Há também grande vulnerabilidade no setor quando ocorre queda de preços no mercado internacional ou oscilações no câmbio, ambos fazendo com que a produção de outras regiões, antes destinada à exportação, seja redirecionada para o mercado interno, aviltando preços e deprimindo a rentabilidade da atividade.

No Nordeste, o BNB pode atuar concedendo crédito para investimento em melhoria da infra-estrutura de abate e comercialização, que muitas vezes são feitos em abatedouros clandestinos sem o devido cuidado sanitário e sem fiscalização. Também é importante ampliar a capacidade de armazenamento de grãos, principalmente em áreas produtoras dos cerrados, diminuindo assim a volatilidade da oferta de grãos nos estados do semi-árido.

O Brasil tem grande potencial para produção de carne de frango, com condições de colocar seu produto de grande aceitação no mercado internacional de carnes, por dispor de tecnologia de ponta, produção com sustentabilidade, altos índices de produtividade, preços atraentes, dentre outras peculiaridades que remetem o País à condição de terceiro maior produtor de carne de frango, precedido pelos Estados Unidos e China.

No biênio 2006 e 2007, conforme dados da CONAB, a produção cresceu 5% (Tabela 10) com tendência ascendente considerando-se o período de 2004 a 2007. Com relação às quantidades exportadas, passaram por pequenas oscilações neste mesmo período, com tendência descendente desde 2005.

Tabela 10. Produção de Frango de Corte (2001-2007)

Produção/Exportação	2004	2005	2006	2007(*)
Produção de Carne de Frango (1.000 t)	8.408,50	9.348,00	9.353,70	9.821,30
Exportação (1.000 t)	2.469,70	2.845,90	2.713,80	2.166,30

Fonte: CONAB.

(*) Estimativa da CONAB.

Com o surgimento, no último trimestre de 2005, de problemas relacionados à febre aftosa, após a descoberta do foco em Mato Grosso do Sul e Paraná, o Brasil passou a enfrentar sérios problemas com embargos impostos por vários clientes internacionais, que deixaram de comprar carnes do País. Este episódio afetou, em 2006, não só o setor de bovinos como também suínos e aves, levando todo o complexo a contabilizar milhões de dólares em prejuízos. Também em 2006, com a propagação da gripe aviária (em sua forma mais letal) na Ásia, África e Europa, o Brasil, maior exportador mundial de carne de frango, apesar de não ter casos da doença, passou a sofrer com a queda no consumo mundial, com reflexos imediatos no desempenho das exportações.

O Brasil ainda continua como maior exportador mundial de carne de frango, tendo como seus principais importadores a União Européia e a Ásia, além dos países do Oriente Médio.

Observando-se o biênio 2006 e 2007 na Tabela 11, verifica-se que houve queda nas quantidades exportadas, mas houve acréscimo nos valores pagos aos exportadores devido ao aumento dos preços internos neste biênio. A retomada dos preços internos teve relação direta com a melhoria na performance das exportações brasileiras.

O aumento da cotação interna da carne de frango esteve associado à entressafra da carne bovina, cujas cotações estiveram em alta no mercado devido à oferta reduzida, aumentando, com isso, a demanda pelas carnes concorrentes, notadamente a de frango, propiciando, dessa forma, suporte às cotações.

Tabela 11. Brasil - Exportações de Frango

Produto	2006		2007	
	t	Mil US\$	t	Mil US\$
Frango em Conserva	128.143	282.266	159.269	408.720
Frango em Pedacos	1.637.053	1.985.711	1.840.227	2.777.408
Frango Inteiro	948.660	936.924	166.848	1.440.059
Total	2.713.856	3.204.901	2.166.344	4.626.187

Fonte: CONAB.

Tomando-se como parâmetro os preços praticados em São Paulo, a partir de fevereiro de 2007, o preço do quilo de frango vivo esteve com uma tendência decrescente, chegando a R\$ 1,39/kg em fevereiro de 2008. O frango resfriado também decresceu, embora tenha sofrido mais oscilações, chegando ao preço de R\$ 2,23/kg em fevereiro de 2008 (Tabela 12).

Tabela 12. Evolução do Preço do Quilo de Frango de Corte (R\$)

Forma de comercialização / Praça	fev/07	set	out	Nov	dez/07	jan/08	fev/08
Frango Vivo (Produtor – São Paulo)	1,81	1,7	1,6	1,55	1,65	1,53	1,39
Frango Resfriado (Atacado – São Paulo)	2,44	2,24	2,35	2,8	2,5	2,34	2,23

Fonte: CONAB.

Em relação ao preço do quilo de frango (em suas diversas formas) no mercado internacional, houve inversão, visto que foi crescente o preço recebido pelos exportadores no período de janeiro/fevereiro de 2007 a janeiro/fevereiro de 2008 (Tabela 13). Este fato pode ser justificado pela momentânea redução de oferta de carne de frango em consequência da redução do consumo no mercado internacional face à ameaça da gripe aviária.

Tabela 13. Evolução dos Preços no Mercado Internacional

Produto	Jan/fev/2007		Jan/fev/2008	
	US\$/kg	R\$/kg	US\$/kg	R\$/kg
Frango em Conserva	2,26	4,78	2,86	4,78
Frango em Pedacos	1,28	2,71	1,64	2,74
Frango Inteiro	1,08	2,28	1,53	2,56
Preço Médio	1,27	2,7	1,66	2,77

Fonte: CONAB.

O consumo de frango no Brasil tem aumentado gradualmente. Com a tendência de avanço da massa salarial, este consumo deve se manter ascendente. O mercado interno brasileiro chegou a absorver 5,72 milhões de toneladas de carne de frango nos primeiros 10 meses de 2007, correspondente a um aumento de 3,8% em relação ao mesmo período de 2006. Estima-se que o consumo *per capita* anual no País esteja na casa dos 36,5 kg, o que significaria que ainda há espaço para crescer (VEIGA FILHO, 2008).

O grande desafio e a ameaça da avicultura mundial é o combate e controle da Gripe Aviária, considerando que existem vacinas eficazes contra as principais doenças que provocam prejuízos ao setor ou ameaçam a saúde humana.

Em relação à região Nordeste, o grande entrave está na competitividade em relação às outras regiões produtoras de aves (Sul, Sudeste e Centro-Oeste), pois quase 70% dos custos diretos de produção se referem ao milho e à soja, que o Nordeste não é auto-suficiente na produção, principalmente em anos de estiagens. Em consequência, os custos de produção são superiores aos das principais regiões produtoras do País. Quando há excesso de estoque naquelas regiões, o mercado interno e, principalmente a Região Nordeste, tornam-se o mercado alvo.

Um dos caminhos para tornar a Região mais competitiva seria o aumento da produção de soja e milho nas áreas de cerrado da Bahia, Maranhão e Piauí, bem como o incentivo à produção de sorgo.

Considerando que os consumidores estão cada vez mais exigentes e esclarecidos, quanto à qualidade dos produtos, é indispensável a adoção de controles sanitários rigorosos e que atendam plenamente às exigências do mercado internacional, sob pena de ser deslocado. Nessas ações, o BNB pode estar também inserido, desempenhando importante papel, não somente com o financiamento à produção, mas também com incentivos à pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agriannual 2008. Anuário da Agricultura Brasileira. Mercado & Perspectivas. São Paulo: Instituto FNP, Outubro, 2007.

BNB Conjuntura Econômica no. 15. Produção Agropecuária – Agricultura. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. Mimeo.

CEPEA-ESALQ. Hortifruti Brasil. Dezembro/2007. www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/. Acesso em 25/03/2008.

CEPEA-ESALQ. Hortifruti Brasil. Jan-Fev/2008. www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/. Acesso em 25/03/2008.

CEPEA-ESALQ. Hortifruti Brasil. Mar/2008. www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/. Acesso em 25/03/2008.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. Indicadores da agropecuária. Fev/mar-2008. Ano XVII. Nº 02 e 03. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/conabweb/index.php?PAG=212>. Acesso em: 25 mar 2008.

CONAB. Sexto Levantamento de Acompanhamento da Safra 2007/2008: Março/2008. Disponível em: < http://www.conab.gov.br/conabweb/download/safra/6_levantamento_mar2008.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2008b.

Hortifrutifri Brasil. Cepea-ESALQ. www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/. Acesso em 25/03/2008.

IBGE. Produção Agrícola Municipal (www.sidra.ibge.gov.br).

Instituto de Economia Agrícola - www.iea.sp.gov.br/OUT/verTexto.php?codTexto=7803 (Análise e Indicadores do Agronegócio, Volume 1, n. 11, novembro/2006)

IPSOS (2008). O Observador Brasil 2008. São Paulo.

VEIGA FILHO, L. 2008 Um Novo Rumo para o Produtor: In: Revista Globo Rural. Janeiro 2008.

VIDAL, Maria de Fátima; CARNEIRO, Wendell Márcio Araújo. Análise Setorial – Cotonicultura nos Cerrados Nordestinos. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, dezembro, 2007. Disponível em: <http://d001www06/cenetene/projconjecon/docs/144130208.doc> (Intranet BNB). Acesso em 26.03.08.

Para consulta aos demais números do [Informe Rural ETENE](#), clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

ANO 1 – 2007

Nº1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146

Nº2 Fev 2007 – Mercado de carne bovina (1) – cenário mundial:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=147

Nº3 Mar 2007 – Cenário para a agroindústria brasileira de frutas:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=382

Nº4 Abr 2007 – Mercado de derivados de cana-de-açúcar (1) – álcool:

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=438

Nº5 Maio 2007 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (2) – cachaça

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=595

Nº6 Jun 2007 – Desempenho e perspectivas da avicultura industrial

http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=599

Nº7 Jul 2007 – Condição atual e perspectivas da carcinicultura nordestina
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=654

Nº8 Ago 2007 – Balanço e prognóstico de safras
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=655

Nº9 Set 2007 – Considerações sobre a produção de Manga
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=656

Nº10 Out 2007 – Cera de Carnaúba: Produção e Mercado
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=658

Nº11 Nov 2007 – Agricultura Orgânica: Evolução e Desafios
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=662

Nº12 Dez 2007 – PNPB (1): Panorama nacional e relato da experiência do Ceará
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=663

ANO 11 – 2008

Nº1 Jan 2008 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (3) – Açúcar
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=666

Nº2 Fev 2008 – Cultivo de Tilápia no Brasil: Origens e Cenário Atual
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=672